

A PRIMEIRA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA

Carlos A. L. Filgueiras

Departamento de Química - Universidade Federal de Minas Gerais - 31270-901 - Belo Horizonte - MG

Recebido em 24/10/95; aceito em 19/1/96

THE FIRST BRAZILIAN CHEMICAL SOCIETY. The present-day Brazilian Chemical Society, in spite of its short life, has matured into an organization of great vitality. Many of its members are either only vaguely aware or even unaware of the Society's namesake predecessor which existed between 1922 and 1951. This article retraces the life of that first Brazilian Chemical Society from its inception and development up to its early demise.

Keywords: Brazilian Chemical Society (first); scientific organizations.

A atual Sociedade Brasileira de Química teve uma antecessora veneranda, sua ilustre homônima, que existiu de 1922 a 1951. Creio ser de interesse dos sócios da atual Sociedade conhecer um pouco da primeira SBQ, das circunstâncias de seu aparecimento, desenvolvimento e fim, e principalmente como era a Química brasileira daquela época, vista através da organização que se propunha a congregar os profissionais da área.

Como parte das celebrações do primeiro centenário da independência do Brasil, em 1922, foi realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Brasileiro de Química. Este congresso reuniu 20 instituições brasileiras onde se ensinava Química, a Liga do Comércio do Rio de Janeiro, 7 grandes indústrias do país e a Sociedade Nacional de Agricultura, além de mais de 200 participantes. Do congresso surgiu em 10 de novembro de 1922 a Sociedade Brasileira de Química (com a grafia inicial Química, que já em 1933 mudava para a forma moderna)¹.

Desde o nascedouro, proclamava a Sociedade ter como fim "congregar os esforços de todos os que se dedicam à Química ou a suas aplicações e de todos os que se interessam pelo desenvolvimento dessa ciência"¹. Quanto ao ingresso no corpo social, "pode ser membro dessa Sociedade Brasileira de Química toda pessoa ou entidade que se compenetre de que do desenvolvimento da Química depende, em grande parte, o próprio desenvolvimento de nossa Pátria"¹.

O Brasil já havia tido várias sociedades científicas, de natureza efêmera, desde o período colonial, como a Academia Científica, de 1772, ou a Sociedade Literária do Rio de Janeiro, de 1786². No século 19 existiram, também fugazmente, a Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras e a Sociedade Filomática de Química da Bahia, ambas em Salvador, bem como a Sociedade Físico-Química, no Rio de Janeiro³, entre outras. Nenhuma delas, porém, teve grande duração ou importância.

A Sociedade fundada em 1922, por iniciativa de José de Freitas Machado, Professor da Escola Nacional de Química, e Paulo Ganns, pela Sociedade Nacional de Agricultura, já teve um caráter de maior permanência, em virtude das novas condições que se apresentavam no país.

A precariedade das instituições científicas brasileiras foi uma tônica por todo o desenrolar do século 19. Não havia regularidade ou continuidade nas ações ou mesmo na própria existência dos laboratórios, escolas ou cursos. O ambiente cultural, econômico e social não favorecia um desenvolvimento decisivo da área. Mesmo contando com várias escolas de ensino superior, em pontos distintos de seu território, o Brasil não lograra constituir sequer uma universidade que congregasse diferentes escolas de um único lugar, muito menos que lhes desse alguma diretriz unificada de ação. O preconceito anti-universitário dos positivistas, que dominaram a vida política

brasileira ao final do século 19 e início deste, ajudou a agravar a situação⁴. A partir do começo do século 20, porém, o ambiente começa a mudar. A industrialização que principia, o grande fluxo de imigrantes europeus e asiáticos, a primeira guerra mundial, são todos fatores importantes na virada que se processa no rumo de impelir o país à modernização. Sinais visíveis desses novos tempos foram, sem dúvida, a grande remodelação da capital do país pelo Prefeito Pereira Passos, assim como o êxito das polêmicas iniciativas de Oswaldo Cruz para livrar o Rio de Janeiro de males crônicos que o afligiam, como a febre amarela, e o estabelecimento do grande centro de pesquisas biomédicas em Manguinhos. Entretanto, coexistia com esse lado moderno um velho e atrasado Brasil, da tragédia de Canudos e de tantas outras mazelas.

Com a decadência do poder positivista foram, finalmente, sendo criadas várias universidades, em geral pela simples aglutinação de escolas já existentes, como a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, ou a Universidade de Minas Gerais, em 1927. Contudo, a primeira universidade de pesquisa do país, a de São Paulo, criada em 1934, foi aquela que rompeu com a tradição e mudou a situação ao estabelecer a investigação científica original como um dos dois pilares em que se deve assentar a instituição universitária, com tanta importância como o ensino.

Vários cursos de Química foram fundados no Brasil na segunda década do século; em especial deve-se mencionar o do Instituto de Química, fundado em 1918 no Rio de Janeiro pelo Prof. Mário Saraiva, notável químico originário de Salvador, que teve um papel destacado na ciência brasileira da época⁵.

Em 1916 funda-se no Rio a Sociedade Brasileira de Ciências, que se transformaria em 1921 na atual Academia Brasileira de Ciências⁶.

A atividade industrial ligada à Química já tinha contornos de importância para o país. No processamento de produtos agropecuários, na exploração mineral, na grande siderurgia nascente, assim como em vários outros segmentos da economia, pode-se ver a participação da Química. O grande desenvolvimento da indústria química, especialmente na Alemanha, reflete-se nos anúncios comerciais dos jornais e, mais tarde, nas propagandas impressas na Revista da Sociedade Brasileira de Química.

O ambiente na capital do país era pois propício, em 1922, à fundação de uma agremiação que congregasse os químicos brasileiros de forma mais duradoura.

Logo após ser fundada, a Sociedade Brasileira de Química instalou-se provisoriamente na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, no número 15 da Rua Primeiro de Março, centro do Rio de Janeiro. Entre seus objetivos, propunha-se a SBQ a publicar uma revista para a "divulgação dos trabalhos profissionais

importantes realizados no país ou no estrangeiro"⁷. A revista traria também pareceres e análises químicas, assim como notícias de trabalhos da Sociedade e de sua administração. Vê-se desse dispositivo que não havia a exigência de originalidade nos trabalhos, embora muitos artigos originais viessem a ser publicados.

A Sociedade também se comprometia a manter uma biblioteca e um arquivo de memórias ou comunicações técnicas, para constituir-se num centro de referência para os sócios. Igualmente constavam dos estatutos a determinação de realizar conferências técnicas ou de divulgação, um programa de visitas dos sócios a indústrias químicas, a troca de publicações com congêneres nacionais ou estrangeiras, a realização de sessões mensais com a leitura de memórias ou comunicações pelos sócios, a promoção de reuniões anuais de sócios no Rio de Janeiro e quando possível nos estados e, finalmente, a promoção de congressos de Química e exposições industriais^{7,8}.

O Prof. Daniel Henninger, da Escola Politécnica, presidiu provisoriamente a Sociedade até a eleição e posse da primeira diretoria. Esta assumiu em 28 de maio de 1923, sob a presidência do Prof. José de Freitas Machado, da Escola Nacional de Química. Poucos dias depois, a 12 de junho, realiza-se a primeira sessão ordinária da Sociedade. Nesta reunião o presidente anuncia o registro dos estatutos e a entrada da Sociedade como representante do Brasil na nova União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC), sediada em Paris. A sessão também designou o sócio Farmacêutico Luiz Pinto de Queiroz, industrial paulista, como representante brasileiro na Reunião Internacional da IUPAC, a ter lugar em Cambridge de 17 a 20 de junho daquele ano⁷.

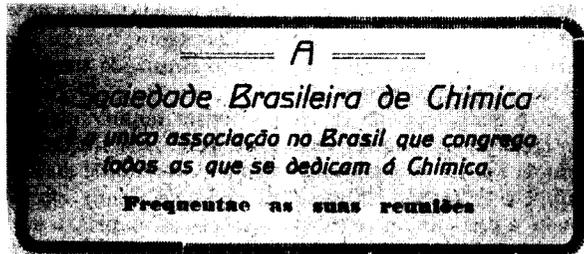


Figura 1. Vinheta publicada no número de dezembro de 1931 da Revista da SBQ, de propaganda da Sociedade.



Figura 2. Retrato do primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Química (1923-1924), Prof. José de Freitas Machado, catedrático de Química Analítica Quantitativa da Escola Nacional de Química.



Figura 3. Foto da diretoria da SBQ em 1925. Da esquerda para a direita, sentados: Mário Saraiva, 2^o Vice-Presidente; José de Carvalho del Vecchio, Presidente; José de Freitas Machado, 1^o Vice-Presidente; em pé: José Custódio da Silva, 2^o Secretário; Luiz Cardoso de Cerqueira, 1^o Secretário; Octavio Alves Barroso, Tesoureiro.

A partir de julho de 1923 começaram as sessões dedicadas a conferências de divulgação. É um pouco estranho que justamente as quatro primeiras conferências, proferidas por notáveis professores de Química, tivessem como temas o **Fogo**, a **Água**, a **Terra** e o **Ar**, os quatro elementos da velha ciência aristotélica⁷.

Um novo meio de divulgação que veio também a ser utilizado pela Sociedade foi o rádio, pelo qual várias palestras de divulgação passaram, com o tempo, a ser transmitidas.

Em 1924 a SBQ logrou realizar seu primeiro congresso, o 1^o Congresso Nacional de Óleos, Gorduras, Ceras, Resinas e seus Derivados, que se desenrolou nas dependências do Clube de Engenharia. Em 1928 um 2^o Congresso de Óleos foi ainda realizado, desta feita em São Paulo⁹. Após essa data, porém, só em 1937 viria a Sociedade a realizar uma reunião dessa natureza, que foi o 2^o Congresso Brasileiro de Química⁹. Apesar disso, a SBQ tomou parte e cooperou ativamente com vários congressos sulamericanos de Química, a partir do primeiro, acontecido em 1924 em Buenos Aires, passando pelo 2^o (1930, Montevidéu), o 3^o (1937, Rio de Janeiro), o 4^o (1948, Santiago), até o 5^o (1951, Lima).

A SBQ também promoveu ou apoiou, em conjunto com a Associação Química do Brasil (AQB), organização que veio a ser criada também no Rio em 1940, vários congressos nacionais, a partir do 3^o Congresso Brasileiro de Química (1943, Rio de Janeiro) até o 7^o Congresso (1950, Belo Horizonte).

O intercâmbio com cientistas e instituições estrangeiras foi estimulado e desenvolvido dentro do possível. Além de ser membro e participar das reuniões da IUPAC, a Sociedade manteve intercâmbio com várias de suas congêneres latino-americanas. Tanto com estas como com as sociedades europeias, a American Chemical Society e outras (Austrália, Japão), houve um ativo intercâmbio de publicações; em troca da Revista da Sociedade Brasileira de Química, mandava-nos a ACS, por exemplo, os fascículos de Chemical Abstracts, entre outras publicações, como se pode ler ao correr dos anos na Revista, onde as publicações recebidas são registradas. A biblioteca da SBQ, dessa forma, cresceu rapidamente, contando ainda com aquisições e legados de bibliotecas particulares de eminentes químicos brasileiros. Para citar um caso, em 1939 o número de publicações recebidas em permuta com a Revista da SBQ chegava a 60 títulos de periódicos, dos quais 30 nacionais e 30 estrangeiros. Acrescentando-se aos periódicos a boa quantidade de livros recebidos, a biblioteca vivia um período de franco crescimento¹⁰.

A SBQ também se fez presente em reuniões como o X Congresso Internacional de Química (Roma, 1938) ou a

comemoração do centenário de Marcellin Berthelot (Paris, 1927). Visitaram a sede da Sociedade ilustres cientistas internacionais que estiveram no Rio, como Marie e Irène Curie, Fritz Haber e Enrico Fermi⁷.

A revista idealizada nos estatutos só se materializou em 1929 e teve vida regular até 1951, perfazendo 20 volumes de 4 números cada. Só deixou de ser publicada em 1934 e 1935; por isso o volume IV tem a data de 1933, enquanto o volume V é de 1936. O nome ostentado no frontispício do volume I, publicado a partir de agosto de 1929, é “**Revista Brasileira de Chimica**”. Já no volume II, de 1931, o nome passa a “**Revista da Sociedade Brasileira de Chimica**”, que em 1933 já mostra a grafia mudada de **Chimica** para **Química**. Um problema da revista, em especial de seu editor (chamado de redator-chefe) era a dificuldade de conseguir artigos, principalmente originais. Embora esta não fosse uma condição excludente, procurava o redator-chefe, Prof. Mário Saraiva, conseguir trabalhos de pesquisa para publicar, o que nem sempre era fácil. O número 1 da revista, cujo frontispício vai reproduzido na figura 4, tem como primeiro artigo justamente um trabalho de natureza fitoquímica do Dr. Saraiva¹¹. Os artigos eram todos publicados em português, mas vinham sucedidos por três resumos em alemão, francês e inglês.

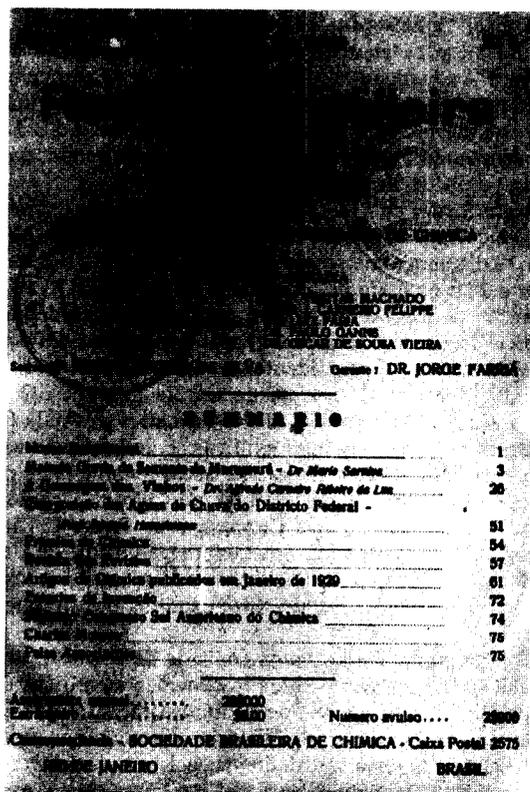


Figura 4. Frontispício do primeiro número da Revista Brasileira de Chimica, mais tarde Revista da Sociedade Brasileira de Química.

O número de dezembro de 1931 traz um índice geral dos volumes I-II, compreendendo os anos 1929-1931¹². Este índice, que é alfabético por assuntos e autores, tem o mérito de imprimir em maiúsculas os trabalhos originais, salientando-os em relação às notícias ou extratos de publicações. Este procedimento continuou ainda por algum tempo mas veio depois a ser abandonado, infelizmente. No índice dos dois primeiros volumes, vê-se uma grande diversidade de tópicos em maiúsculas, como “A Constituição da Monazita”, “Aldeído Crotônico como Desnaturante”, “Reconhecimento do Ácido Chalmúrgico no Óleo de Carpotroche Brasiliensis”, “Destruição

dos Tubos de Aço do Encanamento d’Água de Belo Horizonte por Correntes Vagabundas”, “Análise da Farinha do Pinhão”, “Caracterização do Ferro Trivalente pelos Tiocianatos”, “Notícia sobre a Presença de Germânio nos Meteoritos Metálicos Brasileiros”, “Contribuição ao Estudo da Metalurgia do Níquel no Brasil”, “Ensaio Pirognóstico do Paládio e da Platina”, “Taninos Nacionais”, “À Margem da Teoria de Nernst”, “Composição das Águas de Chuva do Distrito Federal”, e muitos outros.

Os títulos desses trabalhos, como os da maioria dos artigos que viriam a ser publicados ao longo dos anos, refletem o estado da Química brasileira da época; embora originais, caracterizavam-se por aspectos bastante descritivos, com pouca teorização. No entanto, esta não era uma regra fixa, pois os artigos eram de natureza bem heterogênea, encontrando-se às vezes trabalhos bem elaborados matematicamente, como o longo “Momento Dipolar”, de J. A. Souza Vianna¹³, bem como artigos de divulgação escritos por cientistas de outras áreas, como “Ondas e Corpúsculos”, de Carlos Chagas Filho¹⁴, ambos publicados em 1936. Muitos cientistas brasileiros de renome contribuíram com publicações na Revista da SBQ, como o citado Carlos Chagas Filho, ou ainda como se vê no sumário do número de março de 1941, reproduzido na figura 5, onde estão artigos de Fritz Feigl e José Leite Lopes.

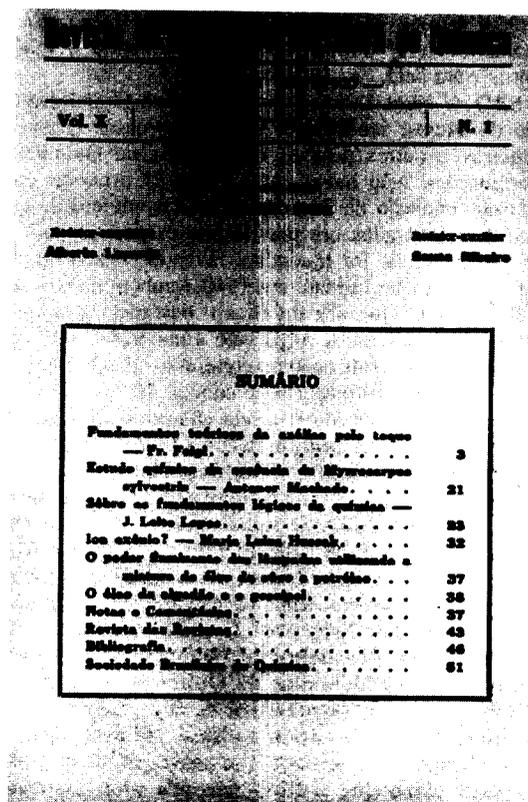


Figura 5. Frontispício do número de março de 1941 da Revista da Sociedade Brasileira de Química, com artigos de conhecidos cientistas brasileiros.

A revista trazia, desde o início de sua publicação, propagandas pagas de firmas de produtos e equipamentos químicos, na maioria de origem alemã, como Leitz, Kahlbaum, Merck e Zeiss. Várias das firmas anunciantes contribuíram financeiramente para os prêmios distribuídos pela Sociedade para distinguir pesquisadores que se destacassem. Já no primeiro número, em 1929, são anunciados os dois prêmios iniciais, tendo como patronos Álvaro Alberto Pai (Química Analítica) e Domingos Freire (Química Biológica). O primeiro seria patrocinado pela

Companhia Química Merck-Brasil, consistindo numa instalação completa para a determinação colorimétrica de pH; já o segundo prêmio, dado pela Casa Lutz, Ferrando & Cia., seria um microscópio Leitz. Logo se juntaram a estes dois outros, o prêmio Ferreira de Abreu (Química Orgânica), uma instalação completa para microanálise orgânica elementar, concedida pela Casa Lohner S.A., e o prêmio Sociedade Brasileira de Química, para o melhor trabalho sobre óleos e seus derivados, constando de uma medalha de ouro no valor de 200 mil-réis¹⁵.

A Revista da SBQ devia ser um manancial precioso de informações para os químicos brasileiros numa época de poucas bibliotecas. Uma seção importante era a **“Revista das Revistas”**, em que se dava um noticiário sucinto das novidades químicas aparecidas em livros e revistas internacionais. A lista de revistas era impressionante, e nela estavam incluídas praticamente todas as revistas internacionais de importância em Química.

Havia também uma seção de notícias de novas patentes, anúncios de congressos de Química, necrológios, notas históricas, notícias de outras sociedades científicas e relato das sessões da SBQ, terminando com as transcrições das atas das reuniões da diretoria. Esta, por sinal, quase sempre constou de seis membros, como ocorre na atual SBQ. Até 1930 os cargos eram: Presidente, 1^o e 2^o Vice-Presidentes, 1^o e 2^o Secretários e Tesoureiro. Em 1930 suprimiu-se a 2^a Vice-Presidência e criou-se a Secretaria Geral. Com pequenas alterações, a estrutura da diretoria se manteve assim até 1946, quando foi reintroduzida a 2^a Vice-Presidência, elevando o número de membros para sete.

A SBQ se caracterizou por uma grande liberalidade na admissão de sócios, sendo estes em muitos casos farmacêuticos, engenheiros e outras pessoas interessadas na Química ou em suas aplicações. Não havia outra forma de proceder em 1922, quando da fundação da Sociedade, pois o número de químicos profissionais formados era por demais exíguo no país. Com o tempo esta situação foi mudando, levando ao aparecimento de uma dissidência que fundou, em 1940, também no Rio de Janeiro, a Associação Química do Brasil, destinada a congregar os químicos profissionais. A AQB veio a mostrar-se uma agremiação muito ativa na realização de congressos de Química; a partir de 1943, em que co-patrocinou com a SBQ o 3^o Congresso Brasileiro de Química, no Rio, ela chamou a si a organização efetiva de mais 4 congressos brasileiros (1945, São Paulo; 1947, Porto Alegre; 1949, Recife; 1950, Belo Horizonte).

A rivalidade entre as duas agremiações pode ser seguida na própria Revista da SBQ. O jornal carioca *A Noite* publicara em 1942 uma carta do presidente e do secretário da AQB, que provocou imediata reação do presidente da SBQ, Farmacêutico Deodoro Godoy Tavares. Em sua resposta publicada no jornal, afirma Tavares: **“os dirigentes daquela associação afirmam que a Sociedade Brasileira de Química não representa o pensamento dos diplomados de Química, por contar como associados médicos, farmacêuticos, engenheiros, etc., e que só os sindicatos representam a classe. Na entrevista (concedida anteriormente ao jornal e que provocara a carta da AQB) deixei bem claro que a SBQ não era uma associação de classe e sim um órgão para tratar do desenvolvimento da Química científica no Brasil, e as realizações citadas na entrevista demonstram que o seu programa, graças aos esforços de elevado número de estudiosos, vem sendo cumprido e talvez por este motivo esteja a provocar ciúmes de quem deseja estar em evidência”**¹⁶.

A SBQ ocupou várias sedes no Rio de Janeiro; a partir de 1936 instalou-se no 2^o andar do Edifício do Parc-Royal, no Largo de São Francisco. A sede se tornou acanhada com o crescimento da biblioteca e do arquivo, o que obrigava a realização das sessões nas dependências da Associação Brasileira de Farmacêuticos ou da Sociedade Nacional de Agricultura¹⁷.

A 9 de julho de 1943 uma grande catástrofe se abateu sobre a SBQ, com o incêndio que destruiu o Edifício do Parc-Royal.

A perda do rico acervo arquivístico e bibliográfico foi total; a biblioteca era considerada **“a mais rica do país em enciclopédias e em coleções de revistas, não sendo exagerado calcular o seu valor acima de 100.000 cruzeiros. Lá existem raridades de valor incalculável. Dentre elas basta citar a mais antiga - “Elementos de Química” - primeiro livro escrito sobre o assunto em português por José Coelho Seabra da Silva Telles (sic) no ano de 1788”**¹⁸.

O funesto acontecimento teve o mérito de aproximar as duas sociedades, SBQ e AQB. Em Assembléia Geral da SBQ realizada a 3 de setembro de 1943 na sede da Associação Brasileira de Farmacêuticos, o presidente da SBQ comunica o movimento que vinha sendo organizado por membros das duas sociedades para promover sua fusão. Decidiu-se então elaborar, em conjunto com a AQB, um anteprojeto de estatuto para a nova entidade. Foi também comunicado aos sócios o próximo recebimento do seguro contra incêndio, que só cobria cerca de 40% do valor estimado da biblioteca; felizmente, chegavam também doações de pessoas e firmas, impressionadas com o golpe sofrido pela SBQ¹⁹.

Em assembléia posterior do mesmo ano discutem os sócios o novo estatuto da sociedade única que se pretendia constituir, onde o requisito exigido do sócio de **“ser químico diplomado ou...”**, aparentemente apresentado pela AQB, passasse a ser **“apresentar provas satisfatórias de que possui elevado preparo científico ou técnico que o habilite a pertencer à Associação”**²⁰. Ao que parece, a AQB aceitou esta modificação²¹, mas posteriormente declarou que as modificações estatutárias para uma possível fusão com a SBQ seriam extremamente complexas e difíceis²². Assim sendo, tudo voltou ao ponto de partida.

As atividades da SBQ foram bastante afetadas e diminuíram no período que se seguiu ao incêndio. No entanto, ainda em 1943, realizou-se uma sessão conjunta com a AQB para comemorar o 2^o centenário de nascimento de Lavoisier. O número 4 da revista da SBQ daquele ano, em dezembro, é dedicado ao químico francês, e contém quatro artigos de Oswaldo de Almeida Costa, ex-presidente da SBQ²³, Carlos Henrique Liberalli²⁴, Rubens Descartes de Garcia Paula²⁵, e Paulo da Silva Lacaz²⁶. O artigo de Rubens Descartes de Paula é o único que traz referências bibliográficas. É interessante assinalar a força da influência positivista no autor - sua lista de citações bibliográficas está repleta de obras de Comte e seguidores: 3 referências são de Augusto Comte e 2 de Pierre Laffitte; são citados ainda o Calendário dos Grandes Homens, de Comte, e o Calendário e Biblioteca Positivistas, de Miguel Lemos, como também constam citações de outros autores positivistas, como Ivan Lins.

O governo de Vargas havia cogitado de construir um grande palácio que abrigaria várias instituições científicas e culturais do Brasil, com o nome de Instituto Brasileiro de Ciências. Ali se abrigariam o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Nacional de Medicina, o Instituto da Ordem dos Advogados, a Academia Nacional de Farmácia, a Academia Brasileira de Ciências e a Sociedade Brasileira de Química. O projeto nunca foi executado, mas a SBQ logrou sensibilizar o chefe do governo, em decorrência da destruição de sua sede pelo incêndio, da necessidade de conseguir instalações dignas. Após ouvir vários ministérios, que concordaram com o pleito da SBQ, Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei n.º. 7496, de 26 de abril de 1945, concedendo um terreno na Esplanada do Castelo para a construção de um prédio a ser denominado **“Casa da Química”**, com a finalidade de abrigar a sede da Sociedade Brasileira de Química. A Casa da Química nunca se materializou. O decreto de Getúlio Vargas previa um prazo de 3 anos para que isto ocorresse, caso contrário o terreno reverteria à União²⁷. Efetivamente isto veio a acontecer, em 1950, quando o terreno foi realocado pelo governo em benefício do Conselho Nacional do Petróleo²⁸.

Na segunda metade dos anos 40 a SBQ participou intensamente de debates importantes para a Química brasileira: a criação do Conselho Federal de Química (CFQ) e do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), além de tomar parte na criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Aliás, a criação da SBPC constava do 5^a estatuto da SBQ, publicado em 1945²⁹.

A Sociedade participou intensamente dos debates que levaram à criação do Conselho Federal de Química. Como se vê em ata de reunião da diretoria em 1945, o presidente da SBQ, Prof. Virgílio Lucas, salientava "que esta idéia foi levantada por ocasião do Segundo Congresso Brasileiro de Química"³⁰. O anteprojeto de criação do CFQ não agradou à Sociedade na época, e sua tramitação foi bastante lenta. A aprovação final só saiu em 18 de junho de 1956, no governo Kubitschek, anos após a extinção da Sociedade.

Em editorial publicado em 1948 na Revista da SBQ, o ex-presidente Prof. Oswaldo de Almeida Costa endossava a idéia de criação de um Conselho Nacional de Pesquisas: "O almirante Álvaro Alberto, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Química*, de regresso dos Estados Unidos, onde durante dois anos representou o Brasil na Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas e exerceu as funções de nosso adido naval, em entrevista à imprensa, acaba de lançar a idéia da criação de um Conselho Nacional de Pesquisa.

Nunca seria tão oportuno como agora a criação, entre nós, de um organismo desta natureza, embora, de há muito, já se tenha feito sentir a sua falta"³¹.

No volume seguinte da revista já se noticiava com grande entusiasmo o desfecho da proposta endossada pela SBQ: "ao augurarmos, no número anterior desta Revista, o mais feliz êxito à criação do Conselho Nacional de Pesquisas, em boa hora lançada pelo almirante Álvaro Alberto, longe estávamos de pensar que a patriótica iniciativa, em tão curto espaço de tempo, se transformaria em realidade.

Com efeito, por ato do dia 2 de abril de 1949, era nomeada, pelo Presidente da República, uma Comissão de notáveis cientistas pátrios para estudar o assunto e em Mensagem de 12 de maio do mesmo ano o General Eurico Gaspar Dutra já enviava ao Congresso Nacional o anteprojeto de lei que cria o referido Conselho, acompanhado de longa e circunstanciada exposição de motivos"³².

A revista reproduz na íntegra a exposição de motivos da comissão de 22 membros presidida por Álvaro Alberto, bem como o Projeto de Lei n.º 260 enviado à Câmara dos Deputados, que efetivamente resultaria na criação do CNPq³².

Em 1950 a idéia de fundir a Sociedade Brasileira de Química e a Associação Química do Brasil foi retomada, desta vez com novo vigor. O quadro social da SBQ contava nessa época com um total de 356 sócios³³.

A partir de uma comissão conjunta das duas sociedades, de que faziam parte seus presidentes, Orlando da Fonseca Rangel Sobrinho (SBQ) e Bernardo Geisel (AQB), foi elaborado um anteprojeto de estatuto da nova agremiação, que seria denominada Associação Brasileira de Química (ABQ)³⁴. Este anteprojeto foi afinal aprovado em assembléia geral da SBQ realizada a 6 de março de 1951³⁴.

Em 12 de outubro de 1951 uma reunião conjunta dos sócios da AQB e da SBQ elege a diretoria provisória da nova Associação Brasileira de Química, tendo sido consagrado como presidente o Sr. Francisco de Moura³⁵.

Nesta data terminava a vida de 29 anos da Sociedade Brasileira de Química.

No editorial de despedida, intitulado "In Terminis", escreve melancolicamente o Prof. Oswaldo de Almeida Costa: "Com

o presente número, encerra a Revista da Sociedade Brasileira de Química suas atividades, que tiveram início em agosto de 1929, perfazendo, assim, 22 anos de relevantes serviços prestados à Química no Brasil. Apesar de todos os percalços motivados pelas condições adversas do meio, mormente em seus primeiros anos de vida, parece ter esta Revista cumprido o programa que lhe traçou Freitas Machado, seu primeiro redator, inspirado nas palavras de Faraday: *Trabalhar, Terminar e Publicar*.

Com seus trabalhos ou de outra qualquer forma, os mais notáveis químicos brasileiros da primeira metade deste século se acham estreitamente vinculados à Revista da Sociedade Brasileira de Química. É ela a primeira no Brasil dedicada exclusivamente à Química, constituindo, portanto, um verdadeiro marco na história desta ciência em nossa terra; nela não se encontram consignados somente os acontecimentos mais notáveis relativos à Química, ocorridos durante o período de sua publicação, mas também os anteriores, que a história registrou e que foram reproduzidos em suas páginas"³⁶.

A nova Associação Brasileira de Química mostrou-se bastante ativa em seus anos iniciais. No entanto a comunidade química brasileira cresceu muito e exigiu a criação de uma nova Sociedade Brasileira de Química, o que veio a ocorrer em 1977. A atual SBQ, embora não seja herdeira direta de sua antiga homônima, honra extraordinariamente o nome revivido, expandindo em qualidade e quantidade as atribuições de uma sociedade científica.

REFERÊNCIAS

1. Saraiva, M.; redator-chefe, "Nosso Programa", *Rev. Bras. Chim.*, **1929**, *1*, 1.
2. Filgueiras, C. A. L., "Origens da Ciência no Brasil", *Quím. Nova*, **1990**, *13*, 222.
3. Rheinboldt, H.; *A Química no Brasil*, In *As Ciências no Brasil*; de Azevedo, F., Ed; Edições Melhoramentos: São Paulo, 1955; 2^o Vol; p 82.
4. Filgueiras, C. A. L.; "D. Pedro II e a Química", *Quím. Nova*, **1988**, *11*, 210.
5. Ref. 3, p. 66.
6. Paulinyi, E. I.; *Esboço Histórico da Academia Brasileira de Ciências*, Coleção Estudos de Política Científica e Tecnológica, CNPq: Brasília, 1981, Vol. 1.
7. Costa, O. A.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1947**, *16*, 99.
8. Estatutos da Sociedade Brasileira de Química, *Rev. Bras. Chim.* **1929**, *1*, 232.
9. Segundo Congresso Brasileiro de Química, *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1937**, *6*, 4.
10. *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1939**, *8*, 209.
11. Saraiva, M.; *Rev. Bras. Chim.* **1929**, *1*, 3.
12. Índice Geral dos Volumes I-II, *Rev. Soc. Bras. Chim.* **1931**, *2*, 511.
13. Souza Vianna, J. A.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1936**, *5*, 60.
14. Chagas Filho, C.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1936**, *5*, 53.
15. Premios de Química, *Rev. Bras. Chim.* **1929**, *1*, 126; id., *ibid.* **1929**, *1*, 174.
16. Tavares, D. G.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1942**, *11*, 47.
17. Ref. 7.
18. O Incêndio da Sociedade Brasileira de Química, *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1943**, *12*, 49.
19. Ata da Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Química realizada em 3 de setembro de 1943, *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1943**, *12*, 190.
20. Ata da Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Química realizada em 15 de dezembro de 1943 (em segunda convocação), *Rev. Soc. Bras. Quím.* **1943**, *12*, 192.
21. Ata da Sessão de Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Química realizada em 27 de junho de 1944 e da Sessão Ordinária realizada na mesma data, *Rev. Soc. Bras.*

* Almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva, professor da Escola Naval, 4^o Presidente da SBQ (1926-1927), que viria a ser o 1^o Presidente do CNPq, em 1951.

- Quím.* 1944, 13, 74.
22. Relatório apresentado pelo Presidente Deodoro Godoy Tavares em Sessão da Assembléia Geral de 16 de agosto de 1944, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1944, 13, 142.
 23. Costa, O. A.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1943, 12, 101.
 24. Liberalli, C. H.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1943, 12, 103.
 25. De Garcia Paula, R. D.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1943, 12, 120.
 26. Lacaz, P. S.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1943, 12, 168.
 27. Costa, O. A.; "A Casa da Química", *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1945, 14, 103.
 28. Relatório apresentado à Assembléia Geral de 20 de fevereiro de 1951, pelo Presidente Orlando da Fonseca Rangel Sobrinho, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1951, 20, 67.
 29. Estatuto da Sociedade Brasileira de Química, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1945, 14, 161.
 30. Ata da Reunião da Diretoria da Sociedade Brasileira de Química, realizada em 30 de abril de 1945, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1945, 14, 158.
 31. Costa, O. A.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1948, 17, 57.
 32. Conselho Nacional de Pesquisas, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1949, 18, 62.
 33. Ref. 28.
 34. Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Sociedade Brasileira de Química, realizada em 6 de março de 1951, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1951, 20, 87.
 35. Sociedade Brasileira de Química - Associação Brasileira de Química: Eleição da Diretoria Provisória, *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1951, 20, 163.
 36. Costa, O. A.; *Rev. Soc. Bras. Quím.* 1951, 20, 99.